

# PIRANDELLO

**N**ASCEU Luigi Pirandello—poeta, romancista e dramaturgo italiano, recentemente falecido, em Girgenti—no ano de 1867. Estudou na Universidade de Roma e doutorou-se na Universidade de Bonn.

Foi poeta no período inicial das suas reacções interiores em face da Vida; a seguir, novelista e romancista a meio da curva ascensional da sua formação literária; finalmente dramaturgo quando, já depois dos cinqüenta anos, atingiu a maturação plena de escritor, criando os seus mundos profundos e originalíssimos que o cobriram de glória.

Como poeta, além de traduzir Goethe, escreveu *Mal giocondo, Pasqua di Gea, Elegie renane*, etc., que são imagens vivas da evolução do seu espírito. Os seus poemas têm já maior valor psicológico do que artístico e poético, excepto precisamente aqueles em que o poeta abandona as complicações filosóficas para cantar a simplicidade dos que vivem chão a chão com a terra. Mas raras vezes segue estes impulsos espontâneos da vida, antes aplica a sua extraordinária análise lógica à decomposição inexorável dos sentimentos e pensamentos. Luigi Gentina, por isso, acha árida a sua poesia, o seu estilo denso de ideias e falho de imagens.

Romancista e novelista, continua a ser fatalmente impellido para os seus mundos futuros... As personagens dos seus romances e novelas—*Il fu Matias Pascal, Si gira, L'exclusa, La vita muda, In silenzio, Candelora*, entre tantos outros—vão pouco a pouco movendo-se por si, afirmando a sua nitidez de figuras, perdendo a sua feição literária, ganhando vida própria...

E Pirandello, tendo, enfim, uma visão especial do Mundo, converte totalmente as suas *figuras* em *personagens*, anima-as com simples linhas de acção, e surge dramaturgo. O poeta e novelista foi arrastado para o Teatro por ver nele o *processus* único de pintar o seu modo de ver a Vida e o Homem. Daqui Benjamin Cremieux dizer que o que dá a Pirandello tóda a sua originalidade, é o seu humanismo não resultar duma simples teoria artística, dum procedimento novo ou renovador de pintar e observar os homens, mas sim derivar desse seu conceito fundamental da vida e da personalidade humanas.

A base da arte *pirandelliana* é o desdobramento de sentimentos, o esquadrinhamento de todos os recantos da personalidade, a complexidade da vida interior aparecendo à luz. E se com Dostoiéwsky, se era transportado para o Mundo abismal e imaginário onde, para além do invólucro do indivíduo, se passa a vida do espírito, com Pirandello a razão busca o *fragmentário* que a consciência sente existir na personalidade, a pesarde cada individuo se sentir *um*, para lá das *formas* em que esse fragmentário o manda imobilizar. Na sua obra o Homem carece, portanto, de personalidade. Nada vale a consciência sentir-se *uma*, se, de momento, tem de condicionar-se às formas e construções que o indivíduo tem de tomar por imposições do meio exterior, e que vão, como já ensinavam Tarde e Dínckeim, alterar o *tonus* fun-

damental da vida interior. A personalidade não existe senão em função dos outros homens.—Tu não podes ver-te, mas eu posso ver-te a ti,— exclama um personagem da obra prima *La ragione degli altri*. A vida tem um fluir constante e o *sentir* e o *querer* de cada homem tendem a impedir-lhe a imobilização nas formas com que a sua personalidade tem de revelar-se aos outros homens.

Dêste dualismo rompe o Drama do teatro de Pirandello.

E rompe tanto mais largo e profundo, quanto é certo que êste conflito, dando-se no *espaço*, de lugar para lugar, se dá também no *tempo*, pois as formas em que a personalidade se imobiliza, vão perdendo o valor umas em relação às outras. Até mesmo os complexos intrínsecos da vida interior, para lá do invólucro das formas, se desvalorizam no tempo:—um indiscutível acôrdo da consciência consigo mesma, só se dá no instante que passa... É a irreversibilidade do tempo, angústia de sempre, o rio em cujas águas já o velho Heráclito, na sua visão saudosista, dizia ser impossível banharmo-nos segunda vez. Em *Sei personaggi in cerca d'autore*, uma figura diz, mais ou menos, a outra:—Não se vendo o senhor tal como foi outrora, e procurando pensar novamente nas ilusões que hoje já não tem, nas coisas que não lhe parecem hoje o que elas eram atrás, não sente neste momento que tudo o que agora lhe parece realidade será amanhã também uma ilusão?

E, de facto, a memória não basta para nos ga-



PIRANDELLO

Gravura a madeira de Azevedo, segundo um desenho de Euclides

(Continua na pág. 15).